

JOHN GRISHAM

# A MALDIÇÃO

Tradução de  
FERNANDA OLIVEIRA



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2024

## CAPÍTULO UM

### A TRAVESSIA

#### 1.

Nenhum dos cerca de cinquenta convidados usava sapatos. O convite excluía-os expressamente. No fim de contas, era um casamento na praia e Mercer Mann, a noiva, queria areia entre os dedos dos pés. O traje sugerido era *beach chic*, que podia significar uma coisa em Palm Beach e outra em Malibu e, provavelmente, outra ainda nos Hamptons. Mas em Camino Island significava *qualquer coisa serve*. Mas sem sapatos.

A noiva usava um vestido de linho branco decotado, com as costas completamente nuas, e como tinha passado as últimas duas semanas na ilha, estava magnificamente bronzeada e tonificada. Deslumbrante. Thomas, o noivo, apresentava-se igualmente esbelto e bronzeado. Envergava um fato em tecido mil-raias azul-claro e camisa branca formal, sem gravata. E sem sapatos, é claro.

Thomas sentia-se feliz simplesmente por fazer parte daquilo. Ele e Mercer estavam juntos há três anos, tinham dividido um apartamento nos últimos dois e, quando ela se cansou finalmente de esperar por um pedido de casamento, perguntara-lhe há três meses:

- O que vais fazer no sábado, 6 de junho, às sete da tarde?
- Bem, não sei. Tenho de ver.
- Diz nada.
- O quê?
- Diz que não vais fazer nada.

— Está bem, não vou fazer nada. Porquê?

— Porque vamos casar na praia.

Ele pouco participou no planeamento da cerimónia, uma vez que não era propriamente uma pessoa muito ligada a pormenores. Contudo, mesmo que o fosse, não teria feito diferença. A vida com Mercer era maravilhosa em muitos aspetos, nomeadamente a ausência de responsabilidade por tomar decisões. Sem pressões.

Havia uma jovem a dedilhar canções de amor numa viola enquanto os convidados bebericavam champanhe. Era aluna de Mercer em Ole Miss, na cadeira de Escrita Criativa, e oferecera-se para tocar no casamento. E havia um *garçon* com chapéu de palha a encher-lhes as taças. Também ele era aluno de Mercer, embora ela ainda não lhe tivesse dito que a sua ficção era demasiado estranha. Se fosse uma pessoa sem papas na língua, dir-lhe-ia que tinha mais hipóteses de ganhar dinheiro a servir bebidas em casamentos pequenos do que a tentar escrever romances, mas ainda não pertencia ao quadro e não se sentia capaz de desencorajar alunos pouco promissores.

Mercer dava aulas porque precisava de um salário. Tinha publicado uma coleção de contos e dois romances. Estava em busca de um terceiro. O último, *Tessa*, tinha sido um *bestseller*, o que levava a Viking Press a oferecer-lhe um contrato para dois livros. Mas a sua editora na Viking ainda estava à espera da ideia para a próxima história. Tal como Mercer. Tinha algum dinheiro no banco, mas não o suficiente para deixar de dar aulas, para comprar a liberdade de escrever a tempo inteiro, sem preocupações.

Alguns dos convidados tinham essa liberdade. Myra e Leigh, as grandes damas da máfia literária da ilha, estavam juntas há décadas e viviam dos direitos de autor. Nos seus tempos gloriosos, tinham criado uma centena de romances picantes sob uma dezena de pseudónimos. Bob Cobb era um ex-presidiário que cumprira pena numa cadeia federal por fraude bancária. Escrevia policiais duros, com propensão para a violência prisional. Quando bebia, o que acontecia quase sempre, dizia que não exercia um trabalho honesto há vinte anos. Era escritor! Talvez a mais abastada do grupo fosse Amy Slater, uma jovem mãe de três filhos que tinha descoberto uma mina de ouro com uma série de vampiros.

Amy e o marido, Dan, tinham agarrado numa parte do dinheiro e construído uma casa magnífica na praia, a cerca de oitocentos metros da casa de campo de Mercer. Quando souberam do casamento, insistiram em ser os anfitriões da cerimónia e do copo-d'água.

Tal como todas as noivas, Mercer idealizava caminhar até ao altar ao lado do pai. Mas ele foi excluído da cerimónia, assim como a igreja. O senhor Mann era uma pessoa complicada, que nunca passava tempo com a mulher ou as filhas. Quando ele se queixou de que o casamento podia colidir com a sua agenda preenchida, Mercer disse-lhe que deixasse estar. Iam divertir-se mais sem ele.

A sua irmã, Connie, estava presente e era uma pessoa com quem se podia sempre contar no que tocava ao drama familiar. As suas duas horríveis filhas adolescentes já estavam sentadas na última fila, a olhar para os telefones. O marido estava a emborcar champanhe. Num registo mais aprazível, a sua agente literária, Etta Shuttleworth, também lá estava com o marido, assim como a sua editora na Viking, que devia querer sem dúvida aproveitar a ocasião e indagar sobre o próximo romance, agora atrasado um ano. Mercer estava decidida a não falar de trabalho. Era o seu casamento, e, se a editora se tornasse um bocadinho insistente, Etta deveria intervir. Estavam presentes três colegas da república feminina de Sewanee, duas delas com os maridos. A terceira tinha acabado de passar por um divórcio litigioso de que Mercer muito ouvira falar. Sentiam-se as três muito atraídas por Thomas, e Mercer estava de olho nelas. O facto de ele ter menos cinco anos do que a noiva só o tornava ainda mais *sexy*. Outras duas colegas da Faculdade de Ole Miss tinham sobrevivido ao corte final na lista de convidados e estavam a passar uma semana na ilha. Mercer dava-se bem com elas, mas era cautelosa. Só as tinha convidado para ser amável. Era o seu terceiro *campus* nos últimos seis anos e tinha aprendido muito sobre política universitária. Era a única professora na história do departamento de Inglês de Ole Miss a figurar nas listas dos autores mais vendidos com um romance e, por vezes, conseguia sentir a inveja. Tinha convidado um velho amigo de Chapel Hill, mas ele declinara o convite. Estavam presentes duas amigas do liceu e uma do jardim de infância.

Thomas tinha uma família mais estável. Os pais, os irmãos e os sobrinhos enchiam uma fila inteira. Atrás deles, estava um grupo barulhento de colegas de faculdade dos tempos que passara em Grinnell.

O pastor falso era Bruce Cable, proprietário da Bay Books e outrora amante da noiva, que começou a pedir a toda a gente para se sentar e chegar mais para a frente, onde tinha sido erguido um arco em vime branco. Estava cheio de rosas e cravos vermelhos e brancos e ladeado por treliças. Depois dele, havia uns trinta metros de areia branca e, a seguir, nada a não ser a preia-mar do Atlântico, uma vista incrível que se espriava por quilómetros até o planeta se curvar. O Norte de África ficava praticamente a seis mil e quinhentos quilómetros, em linha reta.

A tocadora de viola continuou a dedilhá-la até Mercer e Thomas aparecerem no passadiço. Desceram os degraus de mão dada e a sorrir durante todo o caminho até ao arco, onde foram recebidos pelo falso pastor.

Não era o primeiro casamento de Bruce Cable. Por alguma razão obscura, na Florida era praticamente permitido a qualquer um comprar uma licença barata num cartório, tornar-se «oficiante» e realizar uma cerimónia de casamento civil. Bruce não sabia disto e não tinha qualquer interesse no assunto até uma velha amiga querer casar em Camino Island e ter insistido com ele para fazer as honras.

Esse foi o primeiro. O de Mercer era o segundo. Interrogou-se sobre quantos oficiantes teriam dormido com todas as noivas que casavam. Sim, numa ocasião, não há muitos anos, tinha dormido com Mercer quando ela andava a espia-lo, mas isso eram águas passadas. Noelle, a sua mulher, sabia do caso. Thomas tinha sido informado. Ninguém teve problemas com isso. Foi tudo muito civilizado.

Ciente da tendência de Bruce para fugir ao guião, Mercer escrevera cuidadosamente os votos de ambos. Por incrível que pareça, Thomas tinha sido consultado e até acrescentara algum fraseado seu. Um antigo aluno da UNC levantou-se e leu um poema, uma miscelânea impene-trável em verso livre que visava intensificar a atmosfera romântica, mas, em vez disso, deixou os presentes a olhar para a suave rebentação das ondas ao longo da praia. Bruce conseguiu recentrar as coisas, traçando breves biografias dos noivos e arrancou umas quantas gargalhadas. A tocadora de viola também sabia cantar e encantou os convidados com uma versão impressionante de «This Will Be (An Everlasting Love)». Connie leu uma cena de *Tessa* baseada vagamente na avó. Na história, Tessa percorria a mesma área da praia todas as manhãs, à procura de

ovos de tartaruga postos na noite anterior. Guardava a rebentação e as dunas como se lhe pertencessem, e havia várias pessoas presentes que se lembravam bem dela. Foi um excerto comovente sobre uma pessoa que tinha influenciado bastante a noiva.

Depois, Bruce passou aos votos, que, na sua opinião experiente, eram um pouco palavrosos, um problema recorrente na prosa de Mercer que ele estava decidido a corrigir. Adorava os seus autores e estimulava-os a todos, mas também era um crítico severo. Enfim, não era ele que se estava a casar!

Trocaram alianças, deram um beijo e fizeram uma vénia aos presentes, já como marido e mulher. Os convidados levantaram-se e aplaudiram.

A cerimónia inteira durou vinte e dois minutos.

As fotografias foram mais demoradas, depois subiram todos para o passadiço e seguiram Mercer e Thomas sobre as dunas até à piscina, onde havia mais champanhe à espera. A primeira dança foi ao som de «My Girl». O DJ continuou com mais *motown* e a dança pegou. Passaram quase dez minutos até o primeiro bêbedo, o marido de Connie, cair na piscina.

O fornecedor de comida e bebida mais popular na ilha era o chef Claude, um verdadeiro *cajun* do Sul da Luisiana. Ele e a sua equipa estavam atarefados no pátio, enquanto Noelle supervisionava a disposição das mesas e as flores. Ela era de origem francesa e, no que tocava à organização de jantares requintados, não tinha par. Amy pediu-lhe que se encarregasse das flores, louça, marcadores, copos e talheres, juntamente com o vinho, que Noelle e Bruce tiveram todo o gosto em escolher e encomendar ao seu distribuidor. Foram montadas duas mesas compridas no terraço, sob um toldo.

Enquanto o sol se punha, o chef Claude segredou a Amy que o jantar estava pronto, e os convidados foram encaminhados para os lugares marcados. Era um grupo barulhento, com muitas risadas e admiração pelos recém-casados. Quando a primeira garrafa de Chablis passou de mão em mão, Bruce, como sempre, pediu silêncio para poder falar eloquentemente sobre o vinho. Depois, a mesa ficou coberta de travessas de ostras cruas. Durante o segundo prato, camarão com molho *rémoulade*, os brindes tiveram início e as coisas começaram a descambar. O irmão

de Thomas fez um belo trabalho, mas não era grande orador. Uma das antigas colegas de Mercer na república feminina desempenhou o papel obrigatório de dama de honor em pranto e prolongou-o por demasiado tempo. Bruce conseguiu interrompê-la com o seu brinde magnífico. Em seguida, apresentou o vinho seguinte, um ótimo Sancerre. Os problemas começaram quando o cunhado de Mercer, ainda molhado do mergulho na piscina e embriagado desde o meio da tarde, se levantou, cambaleou e tentou contar uma história divertida sobre um dos antigos namorados de Mercer. O seu sentido de oportunidade foi mau. Felizmente, Connie cortou-lhe a palavra, dizendo bruscamente em voz alta:

— Já chega, Carl!

Carl riu à gargalhada enquanto se deixava cair na cadeira e demorou alguns segundos a perceber que mais ninguém achava graça à sua história. Para aliviar a tensão, um colega da república de Grinnell levantou-se de um salto e leu um poema libidínoso sobre Thomas. Enquanto lia, foi servido o prato principal: solha grelhada. Verso após verso, o poema ia ficando mais obsceno e divertido e, quando acabou, toda a gente estava a rir a bandeiras despregadas.

Amy preocupara-se com o ruído. As casas tinham sido construídas ao longo da praia muito perto umas das outras e ouvia-se o barulho. Por isso, tinha convidado os vizinhos de um lado e do outro e apresentara-os a Mercer uma semana antes. Estavam a rir e a beber mais do que qualquer outra pessoa.

Myra tomou a palavra e contou a história da primeira vez em que ela e Leigh tinham visto Mercer, cinco anos antes, quando ela regressara à ilha para passar o verão.

— A sua beleza era óbvia, o charme contagiante e as maneiras impecáveis. Mas interrogámo-nos: será capaz de escrever? Tínhamos uma secreta esperança de que não. Com o seu romance mais recente, uma obra-prima na minha opinião, provou a toda a gente que é realmente capaz de escrever uma bonita história. Porque é que há pessoas com tanta sorte?

— Ora, Myra! — disse Leigh baixinho.

Até então, a maior parte dos brindes e comentários pareciam ter alguma dose de premeditação. Mas, depois disto, tudo ganhou espontaneidade, impulsionada pelo vinho.

O jantar foi longo e delicioso e, quando terminou, os convidados mais velhos começaram a sair. Os mais jovens regressaram à pista de dança, tendo o DJ tomado nota dos pedidos e reduzido o volume.

Por volta da meia-noite, Bruce encontrou Mercer e Thomas na borda da piscina, com os pés dentro de água. Juntou-se a eles e voltou a dizer-lhes que tinham organizado um casamento lindo.

— Quando é que partem para a Escócia? — perguntou.

— Amanhã, às duas — replicou Mercer. — Apanhamos um voo de Jacksonville para Washington e depois um direto para Londres. — A lua de mel eram duas semanas nas Terras Altas da Escócia.

— Podem passar pela loja, de manhã? Terei o café pronto. Vamos precisar.

Thomas acenou com a cabeça, e Mercer disse:

— Claro. O que se passa?

Bruce ficou subitamente sério. Com um sorriso presunçoso, olhou para ela e disse:

— Tenho a história, Mercer. Talvez seja a melhor que alguma vez ouvi.

## 2.

A Bay Books abria todos os domingos às nove da manhã, altura em que Bruce destrancava a porta, a partir do interior, e dava as boas-vindas aos clientes habituais. Embora os dados demográficos fossem pouco claros, sempre presumira que cerca de metade dos residentes permanentes de Camino Island fossem reformados oriundos de climas mais frios. A outra metade era composta por nativos do Norte da Florida e do Sul da Georgia. Os turistas vinham de toda a parte, mas sobretudo do Sul e do Leste.

De qualquer forma, havia muitas pessoas do Norte que sentiam a falta dos seus jornais favoritos. Há uns anos, Bruce tinha começado a disponibilizar as edições de domingo do *Times*, *Post*, *Enquirer*, *Tribune*, *Baltimore Sun*, *Pittsburgh Post-Gazette* e *Boston Globe*. Juntamente com os jornais, vendia uns lendários biscoitos amanteigados e quentinhos de um restaurante ao virar da esquina, apenas aos domingos, e às nove e

meia, o café, no piso de cima, e a área de leitura, em baixo, enchiam-se de ianques a ler as notícias do local de origem. Tornara-se uma espécie de ritual, e muitos dos frequentadores habituais nunca perdiam uma manhã de domingo na livraria. Embora as mulheres fossem seguramente bem-vindas — Bruce aprendera há muito que a maioria dos livros era comprada por estas —, o pessoal das manhãs de domingo era todo do sexo masculino, e as conversas sobre política e desporto tornavam-se muitas vezes conflituosas. Era permitido fumar no terraço exterior e havia normalmente uma nuvem de fumo de charuto a pairar sobre Main Street.

Mercer e Thomas chegaram no fim da manhã, agora oficialmente casados, notavelmente sóbrios e preparados para a viagem. Bruce convidou-os a descer ao seu escritório, na Sala das Primeiras Edições, onde exibia alguns dos seus melhores livros raros. Serviu o café e conversaram sobre a noite anterior. Porém, os recém-casados estavam prontos para partir, com uma longa aventura pela frente.

Mercer sorriu e disse:

— Fizeste menção à melhor história de todos os tempos.

— Pois fiz. Serei breve. É uma história verdadeira, mas também pode ser ficcionada. Já ouviste falar de Dark Isle, que fica a norte daqui.

— Talvez, não tenho a certeza.

— É deserta, certo? — perguntou Thomas.

— É provável que sim, mas há algumas dúvidas. É uma das duas ilhas-barreira mais pequenas entre a Florida e a Georgia, e nunca foi urbanizada. Tem cerca de cinco quilómetros de comprimento e um e meio de largura, com praias virgens.

Mercer estava a acenar com a cabeça e disse:

— Oh, sim! Agora, já me lembro. Tessa falou-me sobre ela há muitos anos. Não dizem que é assombrada ou algo assim?

— Algo assim. Há séculos, por volta de 1750, tornou-se um refúgio para escravos fugitivos da Georgia, que, sendo então governada pelos britânicos, permitia a escravatura. Florida estava sob bandeira espanhola e, embora a escravatura não fosse ilegal, era concedido asilo aos fugitivos. Houve uma longa disputa entre os dois países em relação ao que fazer com os escravos que fugiam para a Florida. A Georgia queria que voltassem. Os espanhóis queriam protegê-los só para irritar os britânicos e as suas colónias americanas. Por volta de 1760, um navio negreiro que

regressava da África Ocidental preparava-se para ancorar em Savannah quando uma forte tempestade vinda de norte, mais propriamente de nordeste, o fez mudar de rumo, impelindo-o para sul e deixando-o praticamente inutilizado. Era um navio da Virgínia chamado *Venus* e tinha cerca de quatrocentos escravos a bordo, como sardinhas em lata. Bem, partiu de África com quatrocentos, mas nem todos sobreviveram. Muitos morreram no mar. As condições a bordo eram inimagináveis, no mínimo. De qualquer forma, o *Venus* afundou finalmente a cerca de uma milha da costa, perto de Cumberland Island. Como os escravos estavam agrilhoados, quase todos morreram afogados. Uns quantos agarraram-se aos destroços e deram à costa, no meio da tempestade, em Dark Island, como ficou conhecida. Ou Dark Isle. Não tinha nome, em 1760. Foram acolhidos pelos fugitivos da Geórgia e, juntos, construíram uma pequena comunidade. Duzentos anos depois, toda a gente morreu ou mudou para outras paragens, e agora a ilha está deserta.

Bruce bebeu um gole de café e esperou por uma reação.

— Interessante, mas eu não escrevo livros de História — disse Mercer.

— Onde está o chamariz? Há algum sinal de enredo? — perguntou Thomas.

Bruce sorriu e agarrou num livro fininho e simples do tamanho de um vulgar livro de bolso. Mostrou-lhes o título: *A história tenebrosa de Dark Isle*, da autoria de Lovely Jackson.

Nenhum dos dois estendeu a mão para pegar no livro, o que não incomodou Bruce.

— Isto é uma edição de autor — disse — que talvez tenha vendido uns trinta exemplares. Foi escrito pela última herdeira viva de Dark Isle ou, pelo menos, é assim que ela se intitula. A Lovely Jackson vive aqui, em Camino, perto das antigas fábricas de conservas, num bairro chamado The Docks.

— Eu sei onde fica — disse Mercer.

— Ela diz ter nascido em Dark Isle, em 1940, e saído de lá com a mãe quando tinha quinze anos.

— Como é que a conheces?

— Veio cá pela primeira vez há uns anos, com um saco cheio destes livros, e queria fazer uma grande sessão de autógrafos. Como já me

ouviste queixar, este pessoal que faz edições de autor consegue dar com um livreiro em doido. Muito insistente, muito exigente. Tento evitá-los, mas gostei muito da Lovely, e a sua história é fascinante. Fiquei muito impressionado com ela. Fizemos uma sessão de autógrafos. Recorri aos nossos amigos, a maioria dos quais estão dispostos a fazer qualquer coisa em troca de um copo de vinho, e tivemos um bonito evento. A Lovely ficou eternamente grata.

— Continuo à espera de um enredo — disse Thomas secamente.

— Aqui está ele. Sendo Florida como é, os agentes imobiliários vasculharam cada centímetro quadrado do estado à procura de uma praia inexplorada. Encontraram Dark Isle há uns anos, mas havia um grande problema. A ilha é demasiado pequena para justificar o custo de uma ponte. As promotoras nunca conseguiriam projetar apartamentos, hotéis, parques aquáticos e lojas de *T-shirts*, etc., em número suficiente para convencer o Estado a construir uma ponte. Por isso, Dark Isle estava interdita. Mas o furacão Leo mudou isso tudo. O seu olho passou diretamente sobre a ilha, separou a ponta norte e acumulou toneladas de areia, formando um enorme recife que liga a ponta sul a um local chamado Dick's Harbor, no continente. Os engenheiros dizem agora que a construção de uma ponte ficaria muito mais barata. É claro que as promotoras imobiliárias andam todas em cima disso, como abutres, e contam com o apoio dos seus amigalhões, em Tallahassee.

— Então, o enredo é a Lovely Jackson — disse Thomas.

— Isso mesmo. Ela alega ser a única proprietária.

— Se não mora lá — disse Mercer —, porque não há de vender a ilha simplesmente às promotoras imobiliárias?

Bruce atirou o livro para um monte e bebeu o seu café. Sorriu e disse:

— Porque é solo sagrado. O seu povo está lá sepultado. Uma das suas bisavós, uma mulher chamada Nalla, estava a bordo do *Venus*. A Lovely não vende. Ponto final.

— E qual é a posição das promotoras? — inquiriu Thomas.

— Têm advogados e são duros de roer. Dizem que não há sequer registo de que a Lovely tenha nascido na ilha. Lembrem-se de que ela é a única testemunha viva. Todos os outros familiares morreram há décadas.

— E os maus da fita têm grandes planos? — perguntou Mercer.

— Estás a brincar? Condomínios, complexos turísticos, campos de golfe. Há quem diga que até firmaram um acordo com os Seminoles para um casino. O mais próximo fica a duas horas de distância. Toda a ilha ficará asfaltada dentro de três anos.

— E a Lovely não tem dinheiro para advogados?

— Claro que não. Tem oitenta e tal anos e recebe todos os meses da Segurança Social um cheque de um pequeno montante.

— Oitenta e tal anos? — repetiu Mercer. — Tens a certeza?

— Não. Não existe certidão de nascimento nem qualquer tipo de registo. Se leres o livro dela, e sugiro que o faças de imediato, vais perceber o quão isoladas viveram estas pessoas durante séculos.

— Já guardei livros para a viagem — disse Mercer.

— Está bem, isso é lá contigo, mas deixa-me dar-te um «cheirinho». Uma razão para estarem tão isoladas foi porque Nalla era uma feiticeira africana, uma espécie de sacerdotisa vudu. Numa cena que irás recordar durante muito tempo, ela lançou uma maldição sobre a ilha para a proteger dos forasteiros.

Thomas abanou a cabeça e disse:

— *Agora*, já deteto aí um enredo.

— E gostas dele?

— Gosto.

— Vou começar a ler no avião — disse Mercer.

— Envia-me uma mensagem da Escócia, quando terminares.

### 3.

Assim que o avião estabilizou, algures sobre a Carolina do Sul, Mercer tirou o livro do saco e analisou a capa. A ilustração não era má e mostrava uma estrada de terra estreita ladeada por enormes carvalhos e tufos de barbas-de-velho que chegavam quase ao chão. As árvores tornavam-se mais escuras e desvanecidas junto ao título: *A História Tenebrosa de Dark Isle*. O nome da autora vinha na parte inferior: Lovely Jackson. Lá dentro, havia uma página com o título e a ficha técnica. Tinha sido dado à estampa por uma pequena editora *vanity*, em Orlando.

Não havia dedicatória, fotografia da autora ou sinopse na contracapa. E também não tinha sido objeto de qualquer revisão.

Mercer estava à espera de um estilo de escrita simples. Palavras fáceis que não tivessem mais de três sílabas. Frases curtas, diretas, com algumas vírgulas apenas. Nada de floreios literários, seguramente. Contudo, a escrita era fluida e a história tão empolgante que Mercer pôs rapidamente de lado os pensamentos editoriais e professorais algo presunçosos e se perdeu nela. Quando terminou o primeiro capítulo, lido de uma penada, percebeu que a escrita era muito mais eficaz e absorvente do que a maioria dos textos dos seus alunos que era obrigada a ler. Na verdade, a escrita e a narrativa eram mais interessantes do que a maior parte dos badalados romances de estreia que lera no último ano.

Apercebeu-se de que Thomas estava a observá-la.

— Sim?

— Estás mesmo a avançar depressa — disse ele. — Que tal é?

— Muito bom.

— Quando é que posso lê-lo?

— Que tal quando eu acabar?

— E que tal revezarmo-nos e alternarmos a leitura, capítulo a capítulo? Ora tu, ora eu?

— Nunca li um livro assim e não me sinto inclinada a começar agora.

— Não ia custar nada, uma vez que leio duas vezes mais depressa do que tu.

— Estás a tentar provocar-me? — perguntou ela.

— Sempre. Estamos casados há cerca de vinte horas, está na altura do nosso primeiro arrufo.

— Não vou morder o isco, querido. Agora, enfia o nariz no teu próprio livro e deixa-me em paz.

— Está bem, mas despacha-te.

Ela olhou para ele, sorriu, abanou a cabeça e disse:

— Esquecemo-nos de consumir o nosso casamento, ontem à noite.

Thomas olhou em volta, para ver se havia outros passageiros a ouvir.

— Andamos a consumá-lo há três anos.

— Não, Romeu, um casamento não pode ser oficial, pelo menos no sentido bíblico, até dizermos os votos, sermos pronunciados marido e mulher e fazermos o ato.

— Então, continuas a ser virgem, no sentido bíblico?

— Também não vou assim tão longe.

— Estava cansado e um bocadinho alegre. Desculpa. Recuperamos o tempo perdido na Escócia.

— Se eu conseguir esperar tanto tempo.

— Não te esqueças do que estás a dizer.

#### 4.

Nalla tinha dezanove anos quando a sua vida curta e feliz mudou para sempre. Ela e o marido, Mosi, tinham um filho, um rapazinho de três anos. Pertenciam à tribo Luba e moravam numa aldeia no Sul do reino do Congo.

A aldeia estava a dormir. A noite estava envolta em silêncio quando vozes alteradas e em pânico cortaram a escuridão. Havia uma cabana a arder e pessoas a gritar. Nalla foi a primeira a acordar e depois abanou Mosi. O filho estava a dormir em cima de um tapete, entre os dois. Juntamente com todos os outros, correram para o incêndio, para ajudar, mas era muito pior do que um incêndio. O fogo foi ateado deliberadamente por um gangue criminoso de outra tribo que tratara previamente do seu negócio. Agora, eram conhecidos como caçadores de escravos. Atacaram a partir da selva, com paus e chicotes, e começaram a bater nos aldeões. Enquanto saqueadores experientes, sabiam que as suas vítimas estariam demasiado aturdidas e desorganizadas para ripostar. Espancaram-nos e acorrentaram-nos, mas tiveram o cuidado de matar o menor número possível. Eram demasiado valiosos para isso. Os idosos eram deixados para trás para cuidar das crianças, que, numa questão de minutos, ficavam órfãs. As mulheres gritavam e choravam pelos seus filhos, que não estavam em lado nenhum. Tinham sido levados para a selva, onde seriam libertados no dia seguinte. Crianças pequenas tinham pouco valor para os traficantes de escravos.

Nalla gritou por Mosi, mas ele não respondeu. Na escuridão, os homens foram separados das mulheres. Ela gritou pelo seu filhinho e, quando não conseguiu parar de gritar, um dos agressores atingiu-a com um pau. Caiu e sentiu sangue no maxilar. À luz do fogo, conseguiu ver homens armados com machetes compridos e navalhas, a empurrar e a reunir os aldeões, seus amigos e vizinhos. Gritavam ordens severas e ameaçavam matar quem lhes desobedecesse. O incêndio tornou-se maior e mais audível. Nalla voltou a ser deitada ao chão e depois ordenaram-lhe que se levantasse e caminhasse em direção à selva. Havia cerca de uma dúzia de mulheres acorrentadas umas às outras, quase todas jovens mães que choravam e gritavam pelos filhos. Deram-lhes ordem para se calarem e, quando continuaram a chorar, um homem chicoteou-as.

Quando já estavam longe da aldeia e embrenhados no mato, pararam numa clareira onde havia um carro de bois à espera. Estava cheio de correntes, argolas e grilhetas. As mulheres usavam apenas a habitual tanga à volta da cintura. Arrancaram-lhas, deixando-as nuas. Os atacantes puseram-lhes argolas de ferro à volta do pescoço e apertaram-nas bem. Cada argola estava acorrentada à seguinte com poucos passos de intervalo e, quando as mulheres recomeçaram a andar em fila indiana, estavam ligadas umas às outras de forma que, se uma tentasse fugir, todas acabariam por tropeçar e cair.

Mas as mulheres estavam demasiado aterrorizadas para fugir. A selva era densa e escura como breu. Conheciam-na bem e conheciam os seus perigos, sobretudo à noite. O carro de bois seguia à frente, conduzido por um bandido adolescente que segurava um archote numa mão e as rédeas na outra. Outros dois assaltantes armados escoltavam as mulheres, um à frente e outro à retaguarda, ambos com chicotes. Quando as mulheres se cansaram de chorar, continuaram a arrastar-se; o único som que se ouvia, às vezes, era o chocalhar das correntes.

Estavam cientes de outros movimentos na selva. Talvez estivessem a levar outras pessoas da sua aldeia. Talvez os seus maridos, pais e irmãos. Quando ouviram vozes de homens, todas as mulheres começaram imediatamente a chamar pelos nomes dos seus entes queridos. Os seus captores amaldiçoaram-nas e fizeram estalar os chicotes. As vozes dos homens desvaneceram-se.

O carro de bois deteve-se junto de um riacho que as mulheres conheciam bem, porque o usavam para tomar banho e lavar a roupa. Os captos disseram que iam parar para passar a noite e deram ordem às mulheres para se reunirem junto ao carro de bois. Continuavam acorrentadas umas às outras e, passada uma hora, as argolas do pescoço já lhes estavam a ferir a pele. Uma corrente mais pesada foi presa a uma das rodas do carro de bois e passada em torno do pescoço de duas das mulheres. As cativas estavam presas para passar a noite.

O rapaz adolescente fez uma pequena fogueira e cozinhou uma panela de arroz vermelho. Misturou folhas de mandioca e quiabo e, quando ficou pronto, ele e os outros dois homens jantaram, comendo da mesma colher de madeira. As mulheres estavam demasiado cansadas e assustadas para sentirem fome, mas ficaram a vê-los comer porque não havia mais nada para fazer. Juntaram-se umas às outras, com as correntes a chocalhar com cada movimento. Sussurraram entre si e choraram pelos filhos e maridos.

Alguma vez regressariam a casa?

Tinha havido rumores de caçadores de escravos na parte norte do país, mas ainda estavam demasiado longe para se preocuparem. O governador da sua aldeia tinha-se reunido com outras tribos e ouvido os avisos. Ordenara aos homens que mantivessem as armas por perto à noite e tomassem precauções quando fossem caçar e pescar.

Quando o fogo se extinguiu, a noite ficou ainda mais escura. Os seus sussurros podiam ser ouvidos pelos homens, por isso guardaram os pensamentos para si. O rapaz adolescente adormeceu junto ao fogo. Os dois homens desapareceram. Uma das mulheres segredou que deviam tentar fugir, mas parecia impossível. O simples respirar fazia chocalhar as correntes que as ligavam umas às outras.

De repente, os dois homens voltaram. Agarraram na cativa mais jovem, Sanu, uma rapariga de catorze anos cuja mãe tinham deixado para trás. Abriram-lhe a argola do pescoço e libertaram-na das correntes. Ela debateu-se e protestou, e eles bateram-lhe e amaldiçoaram-na. Desapareceram com ela, mas as mulheres conseguiram ouvir o estupro durante um período de tempo longo e terrível, enquanto os homens se revezavam. Quando a rapariga regressou, vinha a soluçar e a tremer, como se tivesse convulsões. Os homens voltaram a acorrentá-la e

ameaçaram as mulheres com o mesmo tratamento, se falassem ou tentassem fugir. Elas juntaram-se ainda mais umas às outras, aterrorizadas. Nalla manteve-se perto da rapariga e segredou-lhe palavras de conforto, mas nada a fazia parar de tremer.

Os homens estavam exaustos e não tardaram a adormecer. Mas, para as cativas, dormir era impossível. Estavam demasiado desconfortáveis, fisicamente. E, emocionalmente, estavam devastadas e queriam ir para casa ter com os seus filhos e maridos.

Ao raiar do dia, começaram a andar, afastando-se cada vez mais da sua aldeia. A selva tornou-se menos densa e o sol nasceu alto e quente. A meio da manhã, estavam num vale que a maior parte delas nunca vira. O carro de bois parou, e as mulheres foram levadas até a uma árvore e mandadas sentar. O adolescente fez uma fogueira e cozinhou outra panela de arroz vermelho e quiabo. Os homens comeram primeiro, de uma colher de madeira. Os restos foram oferecidos às mulheres, que deixaram Sanu comer primeiro. Ela disse que não, que não tinha apetite. A escassa quantidade de comida foi cuidadosamente racionada pelas outras e todas comeram um pouco. Estavam famintas e com sede.

Continuaram a avançar numa triste fila indiana; os únicos sons eram o eixo do carro de bois e o constante chocalhar das correntes que lhes uniam os pescoços. Os homens revezavam-se na parte de trás do carro de bois, onde passavam pelas brasas. Também observavam as mulheres constantemente, como se estivessem a avaliá-las para a noite. Pararam junto a um riacho, para beber e descansar durante cerca de uma hora à sombra de um algodoeiro. O almoço foi uma maçã pequena e uma porção de pão duro. Depois de comerem e beberem água suficiente, as mulheres tiveram autorização para entrar no riacho e banhar-se.

Depois de escurecer, na segunda noite, uma mulher chamada Shara foi a escolhida. Enquanto os homens lhe retiravam a argola de ferro do pescoço, ela tentou libertar-se e lutou com eles. Bateram-lhe com uma bengala e depois amarraram-na a uma árvore e chicotearam-na até ela ficar inconsciente. Amaldiçoaram as outras mulheres e ameaçaram aquelas que resistissem com o mesmo castigo. As mulheres ficaram aterrorizadas, a chorar e agarradas umas às outras.

Um dos homens foi junto delas e apontou para Nalla. Ela sabia que era melhor não resistir. Shara tinha ripostado e agora estava praticamente morta. Levaram Nalla para as árvores e violaram-na.

Embora exaustas, famintas, desidratadas, assustadas e com dores, as mulheres descobriram que dormir continuava a ser praticamente impossível na segunda noite. A pobre Shara também não ajudava. Ainda amarrada à árvore, gemia de forma lastimosa na escuridão. A dada altura durante a noite, os gemidos pararam.

## 5.

Ao amanhecer, os homens começaram a discutir. Shara tinha morrido durante a noite e eles culpavam-se mutuamente. Obrigaram as mulheres a passar perto da árvore, quando se foram embora. Elas choraram enquanto se despediam da amiga. As argolas no pescoço não lhes permitiam virar a cabeça, mas Nalla ainda conseguiu olhar para trás. Shara continuava abraçada à árvore, com as mãos presas ao tronco com corda e o corpo nu coberto de sangue seco.

Caminharam durante dias pelos trilhos de terra abrasadores e foram ficando cada vez mais fracas. Sabiam que estavam a rumar a oeste e que o mar estava mais perto, embora nunca o tivessem visto. Fazia parte da sabedoria popular, da lenda da sua África. A sua aldeia estava agora tão distante que já sabiam que não iam voltar para casa. Durante mais de dois séculos, os congoleses e outros africanos ocidentais tinham sido atacados, acorrentados, levados e vendidos como escravos aos colonos do Novo Mundo. As mulheres sabiam o que as esperava. A única esperança que restava a Nalla era voltar a ver Mosi.

Os dias fundiam-se uns nos outros e o tempo não significava nada. Quando conseguiam conter as emoções, pensavam apenas em sobreviver. O sol ardente e implacável tornava tudo pior. A fome e a desidratação desgastavam-nas com o passar das horas. À noite, quando se levantava a nortada, as mulheres amontoavam-se para se aquecerem enquanto os seus guardas dormiam junto a uma pequena fogueira.

Quando a comida acabou, os homens começaram a discutir. Mandaram o adolescente virar o carro de bois para um trilho que seguia para

sul. Ao entardecer, sentiram o cheiro a fumo de comida a cozinhar em lenha e chegaram a uma pequena aldeia na orla da floresta. Uma vedação feita de tábuas e arame delimitava um terreiro cheio de cativos como elas. Dezenas deles, com os homens separados das mulheres e crianças. Recintos de escravos. Vários guardas tinham espingardas e vigiavam enquanto as mulheres se aproximavam. Um portão abriu-se e elas entraram para o espaço, onde lhes retiraram as grilhetas e as correntes. Uma senhora africana de cabelos grisalhos, com um vestido largo, aliviou-lhes as bolhas e as feridas com gordura animal que tirava de uma tigela. Ela e o marido eram os proprietários da quinta e cobravam uma pequena taxa aos traficantes de escravos que por ali passavam. Provavelmente, iam ser vendidas a outro grupo, que as levaria embora. Lamentava a situação em que se encontravam, mas pouco podia fazer em relação a isso.

Havia várias crianças. Nalla e as outras mães da aldeia observaram-nas com saudade e compaixão. Sofriam pelos seus filhos perdidos, mas não seria melhor para eles terem sido deixados para trás? Com certeza que os aldeões mais velhos olhariam por eles. As pobres crianças que se encontravam no recinto estavam fracas e famintas. Muitas tinham feridas e picadas de insetos. Não brincavam, nem sorriam ou saltavam como crianças normais.

O recinto era dividido por uma cerca de arame alta. Os homens e as mulheres encontravam-se junto dela para se examinarem uns aos outros, à procura de um rosto familiar. Mosi não estava lá, embora Nalla tivesse reconhecido e falado com outro homem da sua aldeia. Ele disse que tinham sido divididos em três grupos, no fim do primeiro dia. Mosi havia sido levado com alguns outros. Não, Nalla não vira a sua mulher nem as suas duas filhas.

Choveu muito nessa noite, com relâmpagos horríveis e ventos fortes. Não havia onde se abrigarem nos recintos de escravos. Reuniram-se entre as estacas de uma pequena cabana e dormiram na lama. De manhã, a senhora de cabelo grisalho trouxe-lhes pão e arroz vermelho e, enquanto distribuía a comida, viu uma erupção cutânea numa criança. Receou que fosse sarampo e levou-a para dentro de uma cabana. Disse que tinham morrido três crianças com varíola, um mês antes.

Ao fim de uma semana no recinto, as mulheres foram novamente divididas e receberam a notícia de que iriam partir. Um grupo de guardas

diferente reuniu vinte mulheres e três crianças e trouxe as correntes e as grilhetas. Nalla e as suas amigas tinham acabado de ser vendidas pela primeira vez.

Havia um sistema novo, uma nova forma de tortura. Chamava-se «prancha instável» e não passava de uma tábua de madeira crua com um metro e oitenta de comprimento, com um aro metálico em cada extremidade, um para cada prisioneira. Os aros eram colocados à volta dos pescoços, de tal forma que as duas mulheres não só eram mantidas firmemente unidas como teriam de suportar o peso da madeira a cada passo. Tinham uma corrente à volta da cintura, presa a uma grilheta posta no pescoço de uma criança que caminhava entre elas, sob a tábua. Para piorar as coisas, os guardas punham água e mantimentos em cima das tábuas, para aumentar o fardo das prisioneiras.

Passados alguns minutos no trilho, Nalla quase deixou escapar a grilheta de ferro que tinha à volta do pescoço. Na verdade, não importava. Uma forma de tortura era tão má como a outra.

Passaram-se dias, e o sol tornou-se mais quente. As mulheres foram ficando mais fracas e começaram a desmaiar de exaustão pelo calor. Presas pela prancha, o facto de uma desmaiar fazia com que ambas caíssem. Os guardas reagiam oferecendo água e, se isso não as reanimasse, tiravam os chicotes para fora.

A justiça chegou numa pequena dose quando um guarda, o mais sádico dos três, pisou uma grande mamba verde e caiu no chão aos gritos. A serpente escapou enquanto as prisioneiras dispersavam, em pânico. Foram reunidas e empurradas para debaixo de uma árvore, onde descansaram à sombra e assistiram com um misto de satisfação e horror enquanto o guarda se contorcia em convulsões, vomitava e gemia até morrer. Boa viagem!

Um dia, subiram uma colina e avistaram o oceano ao longe. A visão da água azul era algo reconfortante, pois significava o fim de uma viagem árdua. Mas também era devastadora, porque sabiam que o mar as levaria dali para sempre.

Passadas duas horas, chegaram a uma aldeia e viram pequenos barcos ancorados na baía. O carro de bois continuou a sua chiadeira até parar num acampamento a que chamavam «forte». As mulheres foram levadas para debaixo de uma árvore frondosa e foi-lhes dito que